VERDUM, Júlia Selau. 2017. *Os habitantes da montanha do vento*. Brasília: Sobrescrita. 109p.

Gabriela Luiza Viana Mendes
Universidade Federal de São João del-Rei - Brasil

O trabalho de Júlia Verdum é resultado da confluência do pensamento intuitivo e imaginativo com o pensamento analítico-científico. A autora apresenta uma abordagem transdisciplinar da espacialidade de grande relevância para a ciência contemporânea, em que nos conduz a uma nova compreensão da realidade a partir dos vínculos afetivos que os indivíduos estabelecem com seu território, se distanciando cada vez mais do modo de pensar cartesiano, objetivo e fragmentado presente na ciência moderna.

O livro reflexão-relato é fruto de seu trabalho monográfico, que foi realizado em 2014, para conclusão de sua graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e tem como base teórico-documental sua pesquisa-vivência etnográfica junto aos Yanomami de Watoriki, que vivem ao pé da Serra Demini, no Amazonas. Assim, ao conhecer, analisar, experimentar e sentir, tudo ao mesmo tempo, Júlia Verdum toma partido da subjetividade como mecanismo fundamental para compreensão do processo de apropriação do espaço pelos Yanomami, distanciando-se do olhar científico-neutro-masculino e assim nos leva a crer que novas espacialidades são possíveis.

O primeiro capítulo – "Meu pensamento em movimento e seus caminhos" – apresenta a trajetória teórico-conceitual da autora em sua pesquisa. Tomando como ponto de partida o pensamento de Boaventura de Souza Santos, Júlia Verdum discorre sobre a visão reducionista da realidade presente na ciência atual, pautada em generalizações e que, por isso, anula a diversidade e multiplicidade de saberes e possibilidades de interpretação do mundo. Assim, discute sobre a noção de racionalidade ocidental posta pela modernidade e que ainda se propaga pelo planeta, caracterizada pelo modelo econômico desenvolvimentista, intolerante às formas tradicionais de conhecimento e manejo da natureza.

Ao traçar conceitos e ideias, o que a autora denomina de processo contínuo de assimilação-ação-transformação-assimilação, esse capítulo segue com a apresentação de algumas referências fundamentais para compreensão do trabalho desenvolvido. A partir da perspectiva agroecológica, etnoecológica, dentre outros concei-

tos, a autora constrói um diálogo entre teoria e realidade em que nos apresenta a complexa inter-relação que diferentes povos indígenas travam com a natureza. Júlia Verdum nos revela novas formas de perceber e se relacionar com o meio natural, modos alternativos de apropriação e transformação do espaço por esses povos tradicionais, que se pautam no conhecimento profundo do meio ambiente, práticas, valores e crenças.

Ao fim do capítulo, a autora faz um apanhado metodológico sobre a pesquisa que originou o livro e descreve como foi realizada sua revisão bibliográfica, trabalho de campo e sistematização dos dados coletados. Na primeira etapa foram levantados dados sociodemográficos sobre a ocupação do território, as atividades, as relações intercomunitárias e sobre os aspectos cosmológicos da cultura dos Yanomami de Watoriki. A segunda etapa foi realizada em dois momentos, sendo o primeiro em Boa Vista, que durou 28 dias, para uma conversa com alguns Yanomamis, pesquisadores e indigenistas. No segundo momento, com duração de 30 dias, a autora buscou uma inserção na vida cotidiana dos Watoriki, acompanhando-os em suas atividades rotineiras de trabalho, lazer, comensalidade, em que foram elaboradas entrevistas casuais, cartografias e um diário de campo.

Muitos desses materiais produzidos em suas visitas de campo, como, por exemplo, os mapas e desenhos que estão presentes ao longo de todo o livro, são mais do que uma tentativa de registrar cartograficamente os elementos das aldeias. Para além da abordagem antropológica tradicional, Júlia Verdum explora novos meios para construção do conhecimento, e os utiliza como parte do seu processo de pesquisa, de modo a obter uma melhor compreensão dos vínculos afetivos que esses grupos mantêm com seu território.

O segundo capítulo – "Povo que caminha" – discorre sobre as características gerais dos Yanomami, tais como seu histórico, demografia e ocupação do território, assim como sobre os conhecimentos que foram incorporados por esses povos durante anos. Nesse capítulo, a autora aponta a complexa dinâmica de expansão demográfica e geográfica Yanomami que possibilitou o contato e a troca de saberes com outras culturas e novos contextos físicos. Mostra ainda a importância do caminhar para o desenvolvimento desse grupo, que, por meio dos deslocamentos, se envolveu em um processo contínuo de adaptação e aprimoração. De acordo com Júlia Verdum, o ato de caminhar, até os dias atuais, tem contribuído significativamente para a formação da memória individual e coletiva dos Yanomami.

Durante seu trabalho de campo, Verdum constatou ainda que ocorreram algumas

alterações no padrão desses deslocamentos, advindos principalmente do contato com povos não indígenas. Ao final desse capítulo, temos que a mobilidade dos Yanomami, ao contrário do que muitos pensam, não está relacionada apenas aos hábitos de sedentarismo e nomadismo destes povos, mas está intimamente pautada nas estratégias de manejo e aproveitamento dos recursos naturais disponíveis.

Em seu terceiro capítulo – "Os habitantes da montanha do vento" – a autora foca sua pesquisa no grupo dos Yanomami de Watoriki. Além de discorrer sobre o processo de expansão geográfica, deslocamentos e história desse grupo, nos são apresentados seu modo de vida e sua apropriação do território. De acordo com a autora, esses Yanomami "possuem uma apurada sensibilidade espacial e um profundo conhecimento dos ambientes em que vivem".

Ao longo desse capítulo, é possível apreender que a territorialidade dos Yanomami está relacionada não apenas às relações que esses povos estabelecem com o meio físico e objetivamente material, mas parte da compreensão das relações sociais e culturais, subjetivas que esses povos estabelecem com o espaço. Segundo Júlia Verdum, "além deste espaço-mundo que é percorrido, habitado e humanizado, sobreposto a ele e compartilhando o mesmo substrato, um mundo mágico se revela".

O último capítulo – "O manejo do mundo: espaço vivido, espaço criado" – expõe em detalhes o sistema de manejo do território realizado pelos Yanomami. Como visto no capítulo anterior, esse grupo tem sua maneira própria de se relacionar com o meio físico e natural, interpretando-o como uma entidade viva. O território Yanomami descrito é definido por uma relação complexa e dinâmica entre humanos e não humanos, distante da ideia ocidental de espaço inerte, encarado apenas como recurso e meio de exploração econômica.

Ao mesclar relatos de pesquisadores e trechos de seu diário de campo, nesse capítulo a autora narra seu processo de pesquisa a partir de descobertas feitas em seu tempo de vivência junto aos Yanomami. De acordo com a autora, durante todos esses anos, a partir de um profundo conhecimento adquirido pela integração com o meio, experimentações e pela construção de uma memória coletiva baseada na oralidade, esses povos vêm realizando o manejo do ecossistema amazônico.

A autora conclui ressaltando que apesar de se tratar de uma sociedade tradicional, os Yanomami não apresentam uma cultura estática. Mesmo que realizem práticas ancestrais ainda nos dias de hoje, esses povos estão em constante transformação. Ademais, a interação dos Yanomami com outros grupos indígenas e não indígenas

levou a troca de saberes e incorporação de hábitos provenientes dessas culturas. De acordo com Júlia Verdum, existem muitas pesquisas sobre os Yanomami, mas que essas negligenciam a evolução no modo de viver desse grupo, seu profundo conhecimento e manejo da floresta.

Portanto, é preciso desconstruir a visão reducionista de que estes povos – assim como outros povos indígenas – vivem em isolamento e são sociedades subdesenvolvidas. Os Yanomami detêm um complexo sistema de manejo do território e por isso é preciso ainda superar a visão naturalista da produção do seu espaço. Esses grupos não apenas ocupam a floresta e vivem de seus recursos, mas se apropriam do espaço, transformando-o a partir de suas práticas sociais.

A partir da vivência e de um estudo profundo do mundo Yanomami, a autora nos revela que outras formas de habitar e produzir o espaço são possíveis. Noção que nos parece cada dia mais ofuscada pela fragmentação dos saberes e pela lógica capitalista de produção do espaço advindo da modernidade. Assim, o livro de Júlia Verdum nos soa como um bom presságio em tempos de crise ambiental e urbana, em que precisamos de mais do que análises objetivistas e tecnicistas da espacialidade.

Recebido: 23/10/2018
Aprovado: 26/11/2018

Gabriela Luiza Viana Mendes é mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João del-Rei e bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. ORCID:0000-0001-9709-7416. Contato: gabrielavianam@gmail.com

Referências Bibliográficas

PLAZA, Júlio. 2003. *"Arte/ciência: uma consciência"*. ARS São Paulo, v. 1, p. 37-47.